

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDERSON BARBOSA

**A GÊNESE DO CAPITALISMO MODERNO: O EMPREENDEDORISMO EM
WEBER E SOMBART**

CURITIBA

2016

ANDERSON BARBOSA

**A GÊNESE DO CAPITALISMO MODERNO: O EMPREENDEDORISMO EM
WEBER E SOMBART**

Monografia apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel, no curso de Ciências
Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Paulo Fuck

CURITIBA

2016

TERMO DE APROVAÇÃO

ANDERSON BARBOSA

A GÊNESE DO CAPITALISMO MODERNO: O EMPREENDEDORISMO EM WEBER E SOMBART

Monografia aprovada como requisito parcial à para obtenção do grau de Bacharel no curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador:

Prof. Dr. Marcos Paulo Fuck
Departamento de Economia, UFPR

Profª Dra. Carolina Bagattolli
Departamento de Economia, UFPR

Profª Dra. Raquel Rangel de Meireles Guimarães
Departamento de Economia, UFPR

Curitiba, 13 de dezembro de 2016.

Dedico esta monografia a meus pais e minha irmã

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por minha vida, família, amigos e por ter me dado saúde para prosseguir a minha graduação.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a possibilidade de estudar numa instituição pública, gratuita e de qualidade.

Ao meu orientador professor Marcos Paulo Fuck.

A todos os docentes que passaram pela minha vida, pois se estou aqui foi em grande parte aos incentivos e preparação deles, mesmo existindo adversidades.

E, agradeço especialmente aos meus pais e minha irmã Gabi.

“A conquista do supérfluo provoca uma excitação espiritual superior à conquista do necessário.”

Gaston Bachelard

RESUMO

A ideia de gênese do capitalismo influenciado por fatores ligados à ética religiosa via mecanismos de mudanças de comportamento das pessoas, onde o trabalho ganha cada vez mais protagonismo na vida é obviamente uma das linhas de pesquisa mais lembradas de Max Weber. Mas além de Weber, o esquecido Sombart também, encontra no aspecto de ética religiosa a gênese do capitalismo moderno, embora baseado numa busca pelo prazer. Tanto Weber quanto Sombart dão aos agentes um caráter empreendedor, onde o motivo da necessidade de empreender está baseado em razões completamente diferentes, um pela ascese e necessidade de agradar a Deus e o outro pela sobrevivência comercial e busca pelo luxo. Este trabalho busca comparar as características fundamentais para o surgimento do capitalismo moderno entre os autores, destacando a importância do caráter empreendedor, fazendo comparações entre eles e mostrando a influência do pensamento weberiano e sombartiano sobre a ideia de empreendedorismo, em especial o empreendedor schumpeteriano, comparando-os. Nas comparações, encontramos semelhanças em aspectos interessantes, em especial do empresário sombartiano e schumpeteriano, e até mesmo encontramos também, uma definição, embora rudimentar, de inovação nas obras de Sombart.

Palavras-chave: Capitalismo moderno, gênese, ética religiosa, empreendedor.

ABSTRACT

The idea of the genesis of capitalism influenced by factors linked to religious ethics through mechanisms of behavior change of people, where work gains more and more prominence in life is obviously one of Max Weber's most remembered lines of research. But apart from Weber, the forgotten Sombart also finds in the aspect of religious ethics in the genesis of modern capitalism, though based on a quest for pleasure. Both Weber and Sombart, give the agents an entrepreneurial character, where the reason for the need to undertake is based on completely different reasons, one for asceticism and the need to please God and the other for commercial survival and pursuit of luxury. This paper seeks to compare the fundamental characteristics for the emergence of modern capitalism among the authors, highlighting the importance of the entrepreneurial character, making comparisons between them and showing the influence of Weberian and Sombartian thinking on the idea of entrepreneurship, especially the schumpeterian entrepreneur, comparing both authors. In comparisons, we find similarities in interesting aspects, especially of the Sombartian and Schumpeterian entrepreneur, and even we find also a definition, although rudimentary of innovation in the works of Sombart.

Key-words: Modern capitalism, genesis, religious ethics, entrepreneurial.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 | BIOGRAFIA E OBRAS DOS AUTORES | 11 |
| 2.1 | WERNER SOMBART | 11 |
| 2.2 | MAX WEBER..... | 11 |
| 2.3 | CONSIDERAÇÕES SOBRE OS AUTORES | 13 |
| 3 | O DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO | 15 |
| 3.1 | CONDIÇÕES PRÉVIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO EM WEBER..... | 15 |
| 3.2 | O DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO PARA SOMBART | 16 |
| 4 | O CARÁTER DA ÉTICA RELIGIOSA..... | 22 |
| 4.1 | O ASCETISMO PROTESTANTE DE WEBER | 22 |
| 4.2 | O EMPREENDEDORISMO JUDAICO DE SOMBART | 24 |
| 5 | O CARÁTER EMPREENDEDOR..... | 27 |
| 5.1 | A VOCAÇÃO PROTESTANTE DE WEBER..... | 27 |
| 5.2 | EMPREENDEDORISMO DE SOMBART | 28 |
| 5.3 | SEMELHANÇAS COM O EMPRESÁRIO SCHUMPETERIANO..... | 30 |
| 5.4 | BUROCRATIZAÇÃO E O FUTURO DO CAPITALISMO | 31 |
| 6 | CONCLUSÃO..... | 34 |
| | REFERÊNCIAS..... | 36 |
| | APÊNDICE I – QUADRO SÍNTESE..... | 38 |

1 INTRODUÇÃO

“O capitalismo existe onde quer que se realize a satisfação de necessidades de um grupo humano, com caráter lucrativo e por meio de empresas, qualquer que seja a necessidade de que se trate. Diremos que, via de regra, uma exploração racionalmente capitalista é uma exploração com conta capital, isto é, uma empresa lucrativa que controla sua rentabilidade na ordem administrativa por meio da contabilidade moderna, estabelecendo um balanço (exigência proposta, primeiramente, no ano de 1608, pelo teórico holandês Simon Stevin)”

(WEBER, 2006 p. 257)

A citação acima mostra quais são as condições prévias para a existência do capitalismo na visão do pensador alemão Max Weber. Com base nessa citação e no conhecimento em história, pode-se identificar que essas condições começam a surgir entre os séculos XV ao XVIII, na Europa, num período conhecido pelas práticas mercantilistas e por ser o período de transição entre o feudalismo e o capitalismo moderno.

Esse período é dominado por práticas políticas (mais do que proposições teóricas) que são segundo Brue (2005):

- *O acúmulo de metais preciosos*, pois para os mercantilistas um país rico era sinônimo de grande quantidade de metais preciosos (ouro e prata);
- *O nacionalismo*, que levou ao militarismo, criando grandes armadas e ajudando a criar os Estados Nacionais;
- *Balança comercial favorável*, pois a preferência era sempre de produtos manufaturados nacionais, uma vez que para os mercantilistas o comércio internacional era um jogo de soma zero, onde a importação se restringia a matérias primas isentas de taxas;
- *Colonização e monopolização de matérias primas das colônias*;
- *Oposição aos pedágios dentro do próprio país*, com intuito de fortalecer o comércio interno; e como consequência de todas as práticas anteriores um forte controle centralizado governamental.

Além dessas práticas, os mercantilistas também acreditavam que era necessária uma população numerosa, para servir como mão de obra e mercado consumidor, tornando a economia do estado nacional forte.

O ideário mercantilista levantou inúmeras críticas principalmente dos autores clássicos posteriores, entre eles, a magna obra de Smith, *Riqueza das Nações*, que mostrou que a riqueza está na produção e não na acumulação de prata e ouro, mais tarde também com David Ricardo e sua teoria das vantagens comparativas. Mas, mesmo que o ideário seja criticado, o período em si é extremamente importante e com grandes revoluções de diversos pontos de vista, seja ele religioso, cultural, científico ou comercial. E, essas grandes mudanças vão aos poucos criando condições institucionais favoráveis a revolução industrial, que passa a ser o marco do início do moderno capitalismo. Inclusive na teoria marxista, (SCHEFOLD, 2014, p. 14), as formas anteriores de desenvolvimento capitalista foram necessárias para criar a possibilidade de uma revolução industrial, porém, tanto em Sombart quanto em Weber, existe uma crítica ao determinismo existente no materialismo histórico, onde existe a mera ordenação dos fatos históricos.

Entender quais os motivos que fizeram com que ocorresse a transição do feudalismo para o capitalismo moderno fez com que pensadores como Max Weber (1864-1920) e Werner Sombart (1863-1941), com base em estudos sociológicos e históricos, traçassem o “roteiro” da evolução do capitalismo. O interessante é que para ambos, o comportamento religioso foi fundamental para a mudança do modo de produção feudal para um modo de produção capitalista, porém de um lado temos o ascetismo dos protestantes – para Weber - como impulso do capitalismo e do outro o hedonismo empreendedor dos judeus – para Sombart.

Uma questão que se surge quando apreciamos as obras de Weber e Sombart é: Podemos estimar o potencial dinâmico de uma ética religiosa? E, até que ponto, um conjunto de características religiosas pode influenciar o centro dinâmico da economia? Este trabalho, através de comparações entre Weber e Sombart, e também através de comparações com outros autores, poderá dar uma contribuição à discussão – embora talvez não tão determinista – de como a ética religiosa e o empreendedorismo estão relacionados e, como esses dois elementos influenciaram a dinâmica do sistema econômico.

2 BIOGRAFIA E OBRAS DOS AUTORES

2.1 WERNER SOMBART

Werner Sombart, (nascido em 19 de janeiro de 1863 em Ermsleben, falecendo em 18 de maio de 1941 em Berlim), foi um sociólogo e economista alemão, membro controverso da nova escola histórica alemã, tendo sido orientado em seu doutorado por Gustav von Schmoller (NOGUEIRA, 2004, p. 1128).

Fez parte do *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik* (Arquivos de Ciências Sociais e Política Social), onde fez inúmeras publicações e teve como colega Max Weber.

Sombart foi professor de Ciências Políticas em Breslau, onde lecionou até 1906. Foi em Breslau que Sombart passou por *embaraços* por sua posição política, sendo criticado por seus colegas por seu pensamento socialista, fortemente influenciado por Marx. Após Breslau, Sombart lecionou a partir de 1918 na Friedrich-Wilhelms-Universität Berlin.

Dentre suas obras, podemos destacar as utilizadas neste trabalho:

1. *Der Moderne Kapitalismus* ("O moderno capitalismo" em tradução literal), lançada em 1902 e ampliada entre os anos de 1916 e 1927, Sombart afirma que o surgimento do capitalismo moderno está intimamente ligado as guerras e a busca pelo luxo, também nessa obra ele fundou a divisão em fase inicial de desenvolvimento, o capitalismo alto e tardio.
2. *Os judeus e a vida econômica*, lançada em 1911, na qual o autor cria a teoria de os judeus com seu estilo de vida econômica e migrações alteraram profundamente a economia dos países em que se estabeleceram e foram fundamentais para o surgimento do capitalismo moderno.
3. *Der Bourgeois* (Os *Burgueses*) de 1913, obra em que relaciona luxo e capitalismo, e também a guerra e o capitalismo, tratando das causas da ascensão do capitalismo.

2.2 MAX WEBER

Max Weber, (nascido em 21 de abril de 1864 em Erfurt, falecendo em 14 de junho de 1920 em Munique) foi um economista, sociólogo e jurista alemão, sendo

considerado um dos fundadores da sociologia clássica. Formou-se em direito pela Universidade de Heidelberg, onde também cursou disciplinas de história, economia, filosofia e teologia. Durante sua época, Sombart – que também era seu colega - era mais conhecido do que Max Weber, porém “*sua escrita mais metodológica e sistemática de Weber e sua incorruptível veracidade o tornaram mais conhecido na atualidade*” (SCHEFOLD, 2014 p. 18). Weber teve uma vasta produção acadêmica, sendo muitos ensaios e manuscritos de aulas transformaram-se em livros, podemos destacar dentre suas obras:

1. *História Agrária Romana*, adaptação de sua tese de doutorado;
2. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, inicialmente publicada em dois ensaios nos anos de 1904 e 1905, mais tarde em 1910 foram lançados como livro, tornando-se sua obra mais famosa, onde relaciona o surgimento da ética protestante ao desenvolvimento do capitalismo moderno;
3. *História Geral da Economia*, obra baseada em manuscritos de aulas ministradas na Universidade de Munique;
4. *Economia e Sociedade*, obra editada e publicada postumamente, está dividida em dois volumes e é considerada por muitos como sua magna obra.
5. *Ciência e Política duas vocações*; obra publicada como adaptação de dois ensaios de Weber, que tratam do processo científico e como ele foi importante para o desenvolvimento da racionalidade humana contrastando a racionalidade científica com o carisma do político.

Weber é considerado por muitos como membro da Escola Histórica Alemã, mas para outros autores isso parece causar controvérsia, pois diz Schumpeter (1964), Weber é um historiador econômico e não um historicista no sentido restrito. Feijó (2001), também separa Weber do historicismo, pois seria o próprio Weber através de sua concepção de ciência social que fez o historicismo entrar em decadência; pois Weber refuta a ideia de uma ciência onde é possível retratá-la como ela é. A realidade para Weber nunca é conhecida, não sendo possível usar a história para explicar uma estrutura orgânica.

Seu metodismo e rigor não ficavam apenas em seus trabalhos acadêmicos. Segundo Cohn (2003), a mãe de Weber, Helena Weber, procurou dar a Weber os traços de uma educação protestante de caráter pietista. Weber, além do respeito de colegas acadêmicos, também foi muito admirado por sua esposa; segundo Cohn

(2003), Marianne Weber, que era líder feminista, foi responsável pela edição do volume I do livro *Economia e Sociedade*, além de ter escrito uma biografia sobre o marido.

No convívio social Weber teve contato com vários intelectuais renomados como Lukács e Simmel. Weber também participou da comissão que redigiu a Constituição da República de Weimar.

2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Weber foi um dos poucos estudiosos de seu tempo a ter enfatizado a contribuição de Marx, e em particular a sua análise da natureza decisiva, de acordo com as condições da economia e da luta de classes, segundo Cohn (2003). Contudo, ele sempre recusou a “metafísica” de Marx, ou seja, que os processos de produção são determinantes na análise final. Segundo Freund (1975, p. 47- 52) ele reconhece o “tipo ideal”, mas ele opõe-se ao fato de que eles podem ser incluídos na realidade. Na verdade, Weber denuncia esse unilateralismo metodológico do marxismo. No entanto, para Weber todas as ações humanas são condicionadas materialmente. Portanto, na visão de Weber, Marx tratou extensivamente em seus primeiros trabalhos sobre a relação entre religião e economia, mas uma forma ideológica e polêmica ao tornar a religião uma superestrutura em reação dialética ao fundamento econômico, distorcendo o problema. Com isso, ele perdeu o problema da essência do fenômeno religioso da autonomia em privar a atividade econômica.

“O capitalismo é uma manifestação singular da vida econômica; o protestantismo, da vida religiosa; e o romantismo da vida artística; assim também, o capitalismo antigo tem suas características próprias, diferentes do capitalismo moderno, ou ainda, o capitalismo anglo-saxônico é diferente do capitalismo da Europa Continental. Querer explicar o capitalismo ou o protestantismo enquadrando-os sob termos gerais da economia e da religião, é omitir os aspectos que constituem sua originalidade (embora tal prática possa igualmente ajudar-nos a compreendê-los, pois o método individualizante não exclui o método generalizante).” (FREUND, 1975, p. 49)

Ele não condena uma visão unilateral das coisas, ela pode ser útil e por vezes necessária, desde que conservemos a consciência da relatividade do processo, ou seja, Weber criticou em Marx, não o fato do unilateralismo em si, mas por ter atribuído o papel de determinar a função no final. Julien Freund refuta a afirmação de que a obra de Max Weber teria como objetivo ser uma contra explicação

marxista. Certamente Weber formulou críticas simplistas de alguns teóricos do materialismo histórico, mas segundo Passos (2009, p. 5) é mais o marxismo vulgar de seu tempo que a própria filosofia do Marx.

Seu julgamento não foi com uma intenção negativa, ou seja, refutar o marxismo, mas positivo, na medida em que visa tanto para mostrar a complexidade da explicação sociológica e iluminar um aspecto da gênese do capitalismo moderno, tanto que em ambos “(...) *existe em Weber e Marx a preocupação com as condições da sociedade e sua existência digna diante do sistema capitalista*” (PASSOS, 2009, p. 6), mas se diferenciavam a forma que ambos vislumbravam o desenvolvimento do capitalismo.

Ao estudar a conduta significativa de ser religioso, Max Weber não pretende refutar materialismo histórico condicionando o comportamento econômico da opção religiosa, em vez de ver nela a superestrutura de uma sociedade cuja infraestrutura seria constituída pelas relações de produção. Para Passos (2009, p. 5-6), Weber queria demonstrar que os agentes em várias sociedades são inteligíveis apenas no contexto da concepção geral de que estes agentes fizeram da existência; dogmas religiosos e sua interpretação são partes integrantes destas visões do mundo; e que se opõe a um dogmatismo marxista de que, em última análise, fenômenos religiosos são apenas um reflexo do substrato econômico. Weber recusa qualquer determinismo unilateral como uma ética econômica não é uma função simples de formas de organização econômica.

Já Sombart foi um historicista mais tradicional, que ao contrário de Weber não estava interessado nas especificidades, mas sim em entender o fenômeno do capitalismo de maneira mais generalizada. Sombart toma como ponto de partida um capitalismo que para ele é pautado no luxo e busca do prazer. Como descreve BÔAS (2001), Sombart não estava preocupado em verificar os valores marcantes da individualidade histórica. Sombart chega a ousar, justificando que foi a vontade e poder feminino que impulsionou o consumo de luxo e consequentemente o capitalismo.

3 O DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO

O desenvolvimento do capitalismo não ocorreu de forma automática, mas foi um processo histórico, que encontrou condições para o surgimento de um capitalismo moderno. Na primeira parte, observamos as condições listadas por Weber em seu livro *História Geral da Economia*, mais especificamente no capítulo IV do livro, onde Weber apresenta de forma sistemática e enumerada essas condições prévias. E, na subcapítulo seguinte temos trechos de condições para o desenvolvimento do capitalismo de diferentes obras de Sombart, garimpadas de três diferentes obras, sem haver uma esquematização prévia do autor.

3.1 CONDIÇÕES PRÉVIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO EM WEBER

Para Weber a condição “*prévia para a existência do capitalismo moderno é a contabilidade racional do capital, como norma para todas as grandes empresas lucrativas*” (Weber, 2006, p. 258). Weber argumenta que foi somente no ocidente que existiram as condições para que o capitalismo surgisse, pois o sistema capitalista é um sistema que necessita da racionalização de diferentes esferas da sociedade (direito, economia, cultura...). O cálculo contábil é essencial para a previsibilidade e a tomada de decisões racionais.

Para que exista a empresa capitalista, Weber (2006) lista algumas condições no capítulo IV de *História Geral da Economia* para o surgimento dela:

1. *Propriedade privada*: A empresa deve se apropriar de todos os bens de produção, pois a propriedade coletiva dificulta o cálculo contábil;
2. *Liberdade mercantil*: Deve haver liberdade para que a empresa possa comercializar o seu bem/serviço, abolindo toda forma irracional de limitação de comércio.
3. *Técnica racional*: Necessária a mecanização, a racionalização da produção e da logística, além da previsibilidade dos custos de produção;
4. *Direito racional*: Uma estrutura jurídica racional, onde é possível a previsão das decisões das autoridades;
5. *Trabalho assalariado*: Agentes livres juridicamente e que não são possuidores de meios de produção obrigados a vender sua força de trabalho. O trabalho

assalariado é importante, pois resulta no cálculo racional do capital em relação aos custos de força de trabalho.

6. *Comercialização da economia*: Trata-se da possibilidade de comprar e vender títulos e participações em corporações. Essa condição traz consigo um elemento que é a *especulação*.

Outra condição que aparece em Weber é que o capitalismo só passa a existir, no Ocidente, quando existe uma separação clara entre as empresas e os grupos familiares. E, entre o público e o privado, que no período feudal se confundia.

Todas as condições apresentadas anteriormente são condições necessárias para o surgimento do capitalismo, mas mesmo que o sistema existente tenha todas essas condições não há garantia do surgimento do capitalismo se não existir nos indivíduos um espírito (*Geist*) capitalista para sustentar o sistema. Para isso, seria necessária a existência de uma ética profissional capaz de fazer com que os indivíduos sigam essa racionalização do sistema. O espírito do capitalismo é a valorização do trabalho e da acumulação (e não o consumo) do capital.

“A ganância ilimitada de ganho não se identifica, nem de longe, com o capitalismo, e menos ainda com ser “espírito”. O capitalismo pode eventualmente se identificar com a restrição ou pelo menos com uma moderação racional de impulso irracional. O capitalismo, porém, identifica-se com a busca do lucro, do lucro sempre renovado por meio da empresa permanente, capitalista e racional. Por assim deve ser: numa ordem completamente capitalista da sociedade, uma empresa individual que não tirasse vantagem das oportunidades de obter lucros estaria condenada à extinção.” (WEBER, 2003 p. 26)

3.2 O DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO PARA SOMBART

Werner Sombart utiliza definições, que podem ser até antônimas ao capitalismo numa visão weberiana, pois de um lado ele destaca a busca do lucro ilimitado, em seu livro *Le Bourgeois* (nome da versão francesa), onde o empreendedorismo traz o abandono da estabilidade, em favor de uma carreira desafiadora e com risco. Esta definição parece ser completamente o oposto a de Weber propôs em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*; porém é semelhante nos seguintes aspectos, a) Sombart, também cita a importância da racionalização da empresa; e b) existe também a ideia de dever, claro que diferindo os motivos desse sentimento de dever em relação a Weber. Em geral, define

capitalismo pelo princípio de aquisição, em oposição à economia doméstica, que tende para a satisfação das necessidades simples. A economia capitalista em Sombart é baseada em dinheiro, no comércio, na circulação de riqueza e na concorrência, esses fatores são animados pelo desejo individual para o lucro ilimitado. Por isso, Sombart classifica o capitalismo em diferentes formas: o capitalismo precoce, alto capitalismo, capitalismo tardio, etc. O capitalismo para Sombart não se limita a satisfação das necessidades. O capitalismo é motivado por um desejo de lucro irrestrito, que desenvolve e mobiliza o cálculo racional da riqueza.

“Empreendedorismo é um resumo feito pela paixão por dinheiro, por amor, aventuras, pelo espírito de invenção, etc., enquanto a mente burguesa é composta, por sua vez, de qualidades como precaução refletida em sensatez que calcula ponderação razoável, o espírito de ordem e economia” (SOMBART, 2002, p. 26)

Sombart explicita o *espírito do capitalismo* de maneira diferenciada à de Weber, quando ele escreve que o puritanismo, embora tenha muitas semelhanças com o judaísmo (SOMBART, 2014, p. 362-365) não favorece a concorrência e a busca pelo lucro sem pudor, sem escrúpulos na escolha de meios para atingir a riqueza. Foi sob a pressão das condições econômicas e contra os seus valores, que os pregadores protestantes passaram a reconhecer que o tipo de vida burguês era compatível com o estado de graça. O capitalismo de Sombart se opõe ao pensamento econômico tradicional, que é definido pelo ideal de vida, organização empresarial e estabilidade, conforme descreve no capítulo XII, de *Os judeus e a vida econômica*. De acordo com a ética capitalista, cada agente, possui o direito de ampliar os seus “domínios”, na medida dos seus meios, mesmo que à custa de seus próximos. Em *Os judeus e vida econômica*, Sombart define o capitalismo como a organização econômica que tem a colaboração de duas categorias diferentes da população: os proprietários dos meios de produção, que atendam às mesmas funções de gestão de tempo de trabalho; e trabalhadores exclusivamente dedicados ao trabalho e não possuindo meios de produção. Esse arranjo existe para que os representantes do capital, isto é, os capitalistas possam reservar bens necessários para a implementação e operação dos processos, são eles os agentes econômicos, responsáveis pelo direcionamento da economia. Também é desses agentes a responsabilidade pelos resultados obtidos, como resultado de sua iniciativa. A força

motriz deste sistema é a ideia de lucro, o capital tem como pressuposto o incremento de mais capital (SOMBART, 2014, p. 241).

Sombart descreve três momentos em que a racionalidade econômica capitalista se manifesta (SOMBART, 2014, p. 242-243):

1. *No caráter planejado da gestão econômica*, pois toda economia capitalista está baseada no planejamento futuro da gestão e produção.
2. *Na adequação à finalidade*, portanto, a economia capitalista percebe e seleciona os meios que lhe servem.
3. *Na calculabilidade*, uma vez que, a economia capitalista tem como objetivo o lucro, sendo o registro dos fenômenos e uso dos métodos numéricos torna-se essencial para atingi-lo.

Essa atividade econômica, que procura sistematicamente conseguir lucros, cria, assim, uma tendência de expansão constante dos negócios; ela tem como consequência a subordinação consciente e deliberada de todos os atos que definem a atividade econômica. Na organização pré-capitalista da economia, com base na tradição e no princípio de repouso, sucede a racionalização da economia, criando assim um sistema econômico mais dinâmico. Para Sombart, tanto quanto para Weber, o racionalismo é um dos elementos-chave do capitalismo. Surge aí a necessidade de basear todo o negócio racional sobre o cálculo para estabelecer um plano de longo prazo e para selecionar formas eficazes para alcançá-lo. Sombart enfatiza a racionalização e salienta a importância de cálculo racional na formação do espírito do capitalismo. Racionalização para Sombart parece muitas vezes confundida com a busca de melhores resultados sejam quais forem os meios empregados, e a organização racional do trabalho torna-se uma característica secundária do capitalismo.

As atividades lucrativas são tipicamente capitalistas, na medida em que tendem para um único objetivo calcular a força e negociação. O comerciante capitalista, na verdade, deve ao mesmo tempo ter de ser um empreendedor e ter uma calculadora no lugar do coração. Ter capacidade de estabelecer o valor relativo de diferentes fenômenos, ser capaz de prever as possibilidades de novos acontecimentos e, especialmente uma visão, com uma certeza que não pode encontrar a falha, entre várias possibilidades, qual a mais vantajosa, conforme definição de Sombart.

“Comerciante. É uma pessoa que quer fazer negócios lucrativos, cujo mundo concepcional e sentimental está todo direcionado para a importância pecuniária de situações e ações e que, por essa razão, converte continuamente todos os fenômenos em dinheiro. Para ele, o mundo é um grande mercado com oferta e procura, com conjunturas e chances de ganhos ou perdas. (...) A esfera das ideias do comerciante abrange sempre um só negócio, em cuja finalização vantajosa ele concentra toda a sua energia, em vista de cujo êxito ele analisa e avalia a totalidade das relações de mercado” (SOMBART, 2014, p. 245)

O empresário (*empreendedor*) é um homem que se dedica à tarefa que ele deve executar, sendo cada ação é concebida e realizada sob o trabalho que ele fez. O empreendedor não é exclusivo do capitalismo. Desde os tempos pré-capitalistas o caráter empreendedor já existia, mas faltava-lhe o interesse material que existe num comerciante, que está sempre na busca de expandir seus negócios e fazer seu negócio lucrativo.

“Empreendedor. É um homem que tem uma tarefa a cumprir e sacrifica sua vida no cumprimento dela. Uma tarefa cuja execução demanda a cooperação de outras pessoas, porque sempre se trata de uma obra que visa ser projetada para o mundo exterior. Essa necessidade de realização o diferencia do artista e do profeta, com os quais ele tem em comum a completude da obra, a consciência da tarefa. Trata-se, portanto, de um homem com interesse material a perder de vista, cujas ações individuais sempre são planejadas e executadas em vista do conjunto da obra a ser levada a cabo. (...) O empreendedor se torna um empreendedor capitalista quando se associa a ele um comerciante.” (SOMBART, 2014, p. 244)

Em *Lujo y capitalismo*, Sombart inicia a análise tratando de elementos importantes da formação do capitalismo, que são: a produção de metais preciosos, as rendas da população urbana, o comércio dos judeus, o luxo e a guerra. Todos estes elementos se combinam em um sistema por força que permitem o desenvolvimento do capitalismo. Sendo que a busca pelo luxo é o principal motivador para o desenvolvimento do comércio e do capitalismo. Sombart (1958, p. 87-88) define que o luxo tem dois caracteres distintos que são o caráter quantitativo e o qualitativo. No sentido quantitativo, ele se expressa no consumo supérfluo, onde quanto mais, melhor. No sentido qualitativo se expressa no consumo de bens de melhor qualidade e que são mais caros. Nessa mesma obra, Sombart (1958), fala do *triunfo das mulheres*, onde o gênero feminino, em especial as mulheres ligadas à nobreza, foram importantes para fazer crescer o consumo de bens de luxo.

Em *Les Bourgeois*, Sombart diz que é no comércio que o espírito capitalista floresceu e a negociação obrigou o homem a preocupar-se apenas com o aspecto

quantitativo das coisas. Enquanto o produtor pré-capitalista era um camponês ou artesão sempre preocupado com a qualidade, e vê nos objetos que ele produz apenas bens de consumo qualitativamente diferentes, o comerciante abdica da avaliação qualitativa. O comerciante, vê nas mercadorias de seu comércio como objetos de troca, quantifica e avalia seu valor em dinheiro, sendo o empreendedor nem sempre é um bom negociante (SOMBART, 2002, p. 57). Além disso, o comércio internacional cria o hábito de viver e pensar de forma racional, facilmente mudar de residência e meio ambiente. Por fim, o empréstimo de dinheiro, onde tudo está relacionado com a qualidade e o princípio da subsistência é eliminado. Este novo espírito, que é definido pela sedução do ganho, a sensação de cálculo e racionalismo econômico, nascido na mente do empreendedor.

Durante o primeiro período do capitalismo, a mentalidade econômica judaica foi caracterizada pela sua modernidade em contraste com a mentalidade tradicional e transmitiu os princípios do livre comércio, que fez com que os judeus ganhassem a fama de trapaceiros, mas como menciona Sombart, não se tratava de “trapaça” e sim de “inovações” que feriam os costumes e tradições cristãs.

“(…) o que caracterizava o modo de agir dos comerciantes judeus era a violação de certos usos tradicionais dos comerciantes cristãos, era a transgressão das leis (em casos raros), era sobretudo o ataque aos bons costumes da corporação comercial.” (SOMBART, 2014, p. 187)

Devido a essas diferenças de visão de mundo entre judeus e cristãos, os judeus passaram a serem conhecidos como “*perturbadores do “ganha pão”*” (SOMBART, 2014, p. 187). Sendo os elementos do comércio judeu passaram a penetrar gradativamente a partir do século XVI na economia. Isso coloca, uma questão fundamental para Sombart, o embate entre a ética judaica e cristã, que impediu o florescimento antecipado do capitalismo, mostra o quanto a forma de pensar e fazer do sujeito econômico está no centro dos interesses econômicos. Pois a coletividade representa uma orientação pessoal, ou seja, as regras e regulamentações coletivas originam-se “*de um espírito puramente pessoal*” (SOMBART, 2014, p. 188) e a tradição tem papel fundamental na demanda por bens de consumo. Além disso, a ética cristã que tratava como inadmissível a busca desenfreada pelo lucro (e também como pecado o juros cobrado pelo comerciante) tornava difícil o desenvolvimento do capitalismo.

A concentração da riqueza descrita por diversos autores segundo Sombart fazia parte do processo de surgimento do capitalismo, pois segundo Barbosa (2009, p.8-9) Sombart acreditava que os baixos salários e a exploração do trabalho existente no início no capitalismo eram devido à falta de qualificação da força de trabalho proveniente do campo que acabava de mudar para a cidade, sendo que, com o desenvolvimento do capitalismo o essa exploração tenderia a reduzir, mas reduziria também o dinamismo do sistema capitalista.

“Quanto ao futuro do capitalismo, Sombart argumentava que em sua forma envelhecida e decadente, o mesmo seria mais sensível às reivindicações das massas, porém sofreria uma substancial perda de dinamismo. Assim, haveria uma marcha para a socialização da economia, contudo numa forma muito diferente da defendida pelos socialistas marxistas (...)” (BARBOSA, 2009, p. 9)

Segundo Sweezy *et al.* (1977, p. 238) Sombart, considerava que essa concentração de inicial riqueza de consumo, concentrada em algumas cidades onde se encontravam recursos permitiram acelerar o crescimento do capitalismo.

4 O CARÁTER DA ÉTICA RELIGIOSA

Antes de prosseguir com as ideias de Weber e Sombart relacionando o protestantismo e o judaísmo com o surgimento do capitalismo, precisa-se ter em mente que não é a religião em si que criou o capitalismo moderno, mas sim a ética religiosa que fez prosperar o novo sistema econômico. Seguindo a crítica de alguns autores, entre eles Barbosa (2008, p. 14-15), que criticam Weber por não dar o enfoque ao crescimento de determinadas regiões católicas, que seriam tanto ou até mais desenvolvidas quanto as regiões protestantes; entre elas cidades do norte da Itália e da Bélgica. Porém, não é a religião em si a responsável pelo desenvolvimento do capitalismo, mas a ética adotada pelos indivíduos que permitiu o desenvolvimento do capitalismo. Tanto é que o próprio Sombart (2014) não está preocupado em fazer esse tipo de crítica a Weber em *Os judeus e a vida econômica*, mas está preocupado em mostrar que a ética protestante não foi a primeira a ter um caráter que permitisse o desenvolvimento do sistema. Sombart talvez tenha o mérito de ter deixado mais claro que não é o judeu que professa a sua fé na religião judaica que tem o espírito do capitalismo, mas sim todos aqueles que de alguma forma foram influenciados pela ética judaica; caso contrário, sua própria tese cairia por terra, uma vez que, Sombart procura mostrar que mesmo os judeus convertidos em cristãos, depois de várias gerações, mantinham características da ética judaica, que segundo ele é a ética propulsora do capitalismo.

4.1 O ASCETISMO PROTESTANTE DE WEBER

“a gênese do espírito capitalista no meu sentido do termo pode ser pensado como a passagem do romantismo das aventuras econômicas para a conduta racional da vida econômica”

(WEBER apud COHN, 2003, p. 24).

Diferente dos outros sociólogos clássicos, Weber não está preocupado com uma construção teórica. A preocupação de Weber está em criar delimitações e tipologias que facilitem a análise de fenômenos sociais, sem a necessidade de uma construção teórica, visto que, para Weber a história é caótica e os fenômenos sociais não são repetitivos (VILA NOVA, 2004, p. 84).

Na visão de Weber, a ética protestante foi uma das muitas causas que levaram ao surgimento do capitalismo moderno. Weber tenta provar seu argumento, mostrando que a ética das religiões do mundo - exceto o protestantismo - tendiam a conter as forças capitalistas, com diferentes meios e intensidades. Apesar da ênfase de Weber sobre o protestantismo, ele estava longe de considerá-la como a única causa do capitalismo moderno (SCHEFOLD, 2014, p. 18).

“Por outro lado, contudo, não temos qualquer intenção de sustentar uma tese tola e doutrinária. Pela qual o espírito do capitalismo (...) possa ter surgido apenas como resultado de certos efeitos da Reforma, ou mesmo que o capitalismo, como sistema econômico, seja efeito da Reforma. O fato de que certas formas importantes de organização capitalista dos negócios são sabidamente mais antigas que a Reforma bastaria, por si só, para refutar tal afirmação. Ao contrário, queremos apenas nos certificar se, e em que medida, as forças religiosas tomaram parte na formação qualitativa e na expansão quantitativa desse espírito pelo mundo” (WEBER, 2003, p. 75)

A ética protestante em Weber nada mais é do que uma ética de trabalho, onde o trabalho torna-se protagonista no novo sistema econômico e, a classe dominante que antes era uma classe dominante guerreira torna-se uma classe dominante laboriosa, de segundo o professor Pierucci¹, a ética protestante é uma ética profissional (Univesp TV, 2012). Weber argumenta que o ascetismo do protestantismo teve implicações diferentes do que o que fez nas sociedades anteriores e na Idade Média. Ao contrário do ascetismo religioso de períodos anteriores, o protestantismo era um ascetismo mundano, na medida em que a forma mais elevada de obrigação moral do indivíduo é cumprir o seu dever nos assuntos mundanos.

Weber tenta mostrar principalmente o surgimento do capitalismo moderno dependeu da disseminação da racionalidade orientada a meta e “*sobre as estruturas que permitam um esforço planejado e sustentado da produção industrial em empresas privadas, incluindo o quadro jurídico necessário*” (SCHEFOLD, 2014, p. 19). Nesse contexto, a racionalização da invenção e do desenvolvimento científico, além da educação voltada à profissionalização são alguns pré-requisitos para a transição do sistema capitalista na perspectiva weberiana.

¹ Antônio Flávio de Oliveira Pierucci - Professor Titular do Departamento de Sociologia da USP

4.2 O EMPREENDEDORISMO JUDAICO DE SOMBART

(...) “Não haveria capitalismo moderno e nem cultura moderna sem a dispersão dos judeus pelos países setentrionais do globo terrestre!”

(SOMBART, 2014, p. 4)

Voltando para a citação mais acima, observa-se de forma clara a posição de Sombart em relação à importância que teve o povo judeu para o surgimento do capitalismo moderno, tendo um espírito empreendedor e "voltado" para o comércio que fez com que para onde os judeus migrassem houvesse crescimento econômico.

No livro *Os judeus e a vida econômica*, Sombart vai amarrando um contexto, na qual os judeus aparecem como agente chave para o desenvolvimento capitalista. Como os judeus eram migrantes, eles nunca teriam uma ligação para o chão, mas tinham grande capacidade de compreender o valor abstrato de dinheiro, formando relacionamentos instrumentalmente racionais e, assim, criando uma racionalidade capitalista entre os judeus. Na obra, já no primeiro capítulo intitulado "Métodos de apuração - tipo de dimensão da participação", Sombart discorre sobre a metodologia para determinação do que é um *judeu* em sua classificação e qual a participação na economia. Sendo eles, o método estatístico, ou seja, uso da estatística para determinação quantitativa da participação dos judeus na economia; e o método genético, método esse que busca analisar, não só os indivíduos que sejam judeus declarados, mas também os judeus convertidos à força - também chamados de marranos - e que de alguma forma preservaram as características comerciais e empreendedoras da cultura judaica. Sombart (2014) admite haver falta de dados precisos em relação aos marranos, pois muitas das famílias de marranos se confundem com as demais famílias de cristãos, além da miscigenação.

Para Sombart (2014) existe uma clara correlação da migração de judeus luso-hispânicos e italianos para regiões mais setentrionais da Europa, como Holanda, França, Inglaterra e algumas cidades alemãs e o seu respectivo florescimento comercial, que servem como evidência da importância do povo judeu na economia. Essas migrações provocaram o deslocamento do centro econômico a partir do século XVI, da parte meridional para a setentrional da Europa. Sombart chega a criticar a historiografia *tradicional* por afirmar que o caminho marítimo para as Índias

Orientais foi responsável pela perda de importância econômica das cidades-estados italianas e do sul da Alemanha.

Sombart (2014) tenta mostrar que a expulsão dos judeus da região dos Pirineus, de cidades italianas e de algumas cidades alemãs (exemplo Nuremberg) fez com que a economia dessas regiões entrasse em colapso, ao mesmo tempo em que cidades que acolheram os judeus passaram a ver o florescimento comercial, entre elas pode-se citar: as cidades alemãs de Frankfurt am Main e Hamburgo que acolheram numerosa quantidade de judeus durante os séculos XVI e XVII; as cidades francesas de Marselha, Bordeaux e Rouen, que acolheram judeus durante os séculos XVII e XVIII; também Amsterdã, através da migração de judeus portugueses a partir de 1593; entre outras migrações para à Inglaterra - após a readmissão de judeus em meados do século XVII - e temporariamente Antuérpia na Bélgica.

Os judeus tinham importância tão grande para o comércio que em 1550, quando o senado de Veneza votou a expulsão dos marranos, os comerciantes cristãos intervieram, pois os comerciantes cristãos negociavam com judeus e tinham grande dependência deles para conseguir diferentes artigos como lã espanhola, carmesim, açúcar, pimenta entre outros para venda local, além de controlar o comércio cambial. Sombart (2014) destaca que o comércio de muitos bens de luxo, como jóias, pedras preciosas, pérolas e seda eram praticamente monopolizados pelos judeus. Além de também negociar produtos de campo como lã, cereal, linho, açúcar e tabaco. E, no novo mundo tiveram participação importante para a exploração de minas de metais preciosos, principalmente no Brasil. Ainda no comércio, na África do Sul, a migração de judeus durante as décadas de 1820 e 1830, fundou o comércio de algodão e couro. A importância dos judeus não se deu apenas no comércio. Durante o período de colonização a atuação dos judeus também se expandiu para a indústria, como para o desenvolvimento das primeiras indústrias da África do Sul e diversas indústrias nos Estados Unidos.

Sombart (2014) escreve que os judeus não apenas tem capacidade de serem bons empreendedores e bons negociantes. Embora não fossem os únicos, os judeus foram representantes das ideias do livre mercado e da livre concorrência. Devido a isso, todos os judeus que violavam os limites da guilda foram considerados como “gananciosos”, Esta ganância implacável, juntamente com o fato de que os judeus serem estrangeiros dentre as várias nações da Europa, serviram de

motivação para críticas e preconceitos de não judeus. Para os judeus, o comércio era um meio de ganhar dinheiro, não vetado por barreiras e dificuldades existentes em outras atividades.

5 O CARÁTER EMPREENDEDOR

A mais conhecida visão de empreendedorismo nos dias atuais é sem dúvida a do empresário schumpeteriano, pois combina a preocupação analítica com o dinamismo empresarial no desenvolvimento capitalista com uma orientação metodológica para a sociologia econômica da função do empresário. Mas essa discussão da função do empresário não é exclusividade de Schumpeter, podem ser encontradas nos autores alemães, Max Weber e Werner Sombart, como tentativas de abordar a dimensão institucional do empreendedorismo como desenvolvimento, contribuindo assim para a formação da sociologia econômica do desenvolvimento capitalista.

5.1 A VOCAÇÃO PROTESTANTE DE WEBER

Max Weber, durante sua vida, foi conhecido por suas ideias políticas, em particular pela sua definição extremamente influente do Estado como uma comunidade que reivindica o monopólio do uso legítimo da força física dentro de um determinado território. A influência de Weber no campo da gestão repousa essencialmente sobre as ideias em que ele ligou a moralidade do protestantismo puritano, especialmente o calvinismo, com o impulso do empreendedorismo e capitalismo. Tornando-se um dos autores mais lidos não somente em áreas como Ciências Políticas, Sociologia e Economia, mas também em cursos de Administração e Gestão (THE ECONOMIST, 2009).

Durante toda a história da cultura ocidental, o trabalho sempre foi ligado à ideia de sofrimento e castigo. E, o surgimento do cristianismo fez com que a acumulação de riqueza e a busca por mais lucros se tornasse um “pecado”. Contudo, na avaliação de Weber, entre os séculos XVI e XVII, período que coincide com a Reforma Protestante a mentalidade do trabalho como sofrimento dá lugar à mentalidade do trabalho como vocação (*Beruf*). Ou seja, trabalho passa a ser uma vontade divina e imposta por Deus.

“(...) a busca do indivíduo no âmbito da profissão concreta foi por ele entendida cada vez mais como um mandamento divino especial, para o cumprimento dos deveres que lhe foram impostos pela vontade divina. (...) O indivíduo deveria permanecer de uma vez por todas na condição e na vocação em que Deus o houvesse colocado, e deveria restringir suas

atividades mundanas aos limites a ele impostos pela condição de vida estabelecida” (WEBER, 2003, p. 77)

No capítulo IV da sua obra *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Weber analisa os fundamentos religiosos do calvinismo, pietismo², metodismo e das seitas batistas; e no capítulo seguinte relaciona o ascetismo dessas crenças com o *espírito capitalista* do estilo Benjamin Franklin, onde “*tempo é dinheiro*” (WEBER, 2003, p. 46). Pois cada membro da comunidade deveria exercer sua atividade vocacional como mecanismo de glorificação a Deus. Cada hora perdida em atividades fúteis seria tempo perdido para glorificar Deus. Com isso, o trabalho torna-se a própria finalidade da vida.

Uma vez que o trabalho é vocacionado, o desenvolvimento das habilidades leva a especialização “*relembra a conhecida apoteose da divisão do trabalho de Adam Smith*” (WEBER, 2003, p. 121). E, mais do que isso, uma vez que Deus mostra aos vocacionados uma oportunidade de lucro, estes devem segui-las, pois para o protestantismo ascético, a riqueza é eticamente má quando se torna uma tentação para o ócio e pecado, onde “*querer ser pobre era, como foi mencionado várias vezes, o mesmo que querer ser doente*” (WEBER, 2003, p. 122).

Para Weber (2003), embora tenha sido uma ética religiosa a impulsionadora do sistema capitalista moderno, o ideal de trabalho como forma de glorificação a Deus desaparece, dando lugar a um mundo secularizado, mas o trabalho continuou sendo tratado como algo divino, apesar de não ser um meio de glorificação.

5.2 EMPREENDEDORISMO DE SOMBART

O desenvolvimento capitalista, do ponto de vista de Werner Sombart a questão do empreendedorismo encontra um paralelo à ênfase weberiana no carisma e na racionalidade da vida econômica, sendo que o empreendedorismo é o propulsor do capitalismo; mas como vontade de poder e aquisição ilimitada. Nesse sentido, o capitalismo moderno de Sombart evoluiu menos em termos de causalidade cumulativa, mas sim pela intervenção direta de agentes empresariais e seu desejo de consumo. O padrão aristocrático do capitalismo é baseado na posição

² Movimento surgido dentro da Igreja Luterana que defendia a renovação da fé cristã em detrimento da teologia racionalista.

minoritária de agentes econômicos ativos e poderosos. Sombart associou a função empresarial ao material, a materialização da imaginação, o cálculo e o planejamento, bem como a mobilização de parceiros de negócios. Enquanto empresários seriam forçados a agir dentro de uma estrutura de fins de lucro e racionalização, criam-se brechas para o crédito e a inovação tecnológica, que foram contrapartidas essenciais no desenvolvimento econômico capitalista, revolucionando o empreendedorismo econômico. É nesse contexto de inovação comercial - Sombart em alguns momentos mistura os termos inovação e invenção - que Sombart encontra no comerciante judeu o empreendedor que traz o dinamismo ao sistema capitalista. *“Seria uma tarefa muito estimulante compilar todas as “inovações” que a vida comercial (inovações técnicas quase não entram em cogitação) deve aos judeus”*. (SOMBART, 2014, p. 230). Em outro trecho, Sombart cita algumas das características que vislumbra no empreendedor, sendo elas:

- “1. *do inventor*. Não tanto de inovações técnicas (embora esse caso não esteja excluído e, na realidade, até seja bem frequente, como se sabe), mas de muito mais de novas formas econômicas de organização da produção, do transporte e da venda. Mas como inventor-*empreendedor* ele não sente a mesma satisfação do “puro” inventor depois de ter feito a sua invenção – ela o impele a dar-lhe milhares de formas de vida;
2. *do descobridor*. O empreendedor se torna descobridor de novas possibilidades de venda: novas em termos tanto intensivos quanto extensivos. Extensivas quando descobre um campo especialmente novo para sua atividade: fornecer calções de banho para os esquimós, obturadores de ouvido para os negros; intensivas quando “descobre” novas necessidades numa área já conquistada” (SOMBART, 2014, p. 246)

Na busca pelo lucro e pelo luxo, cria-se uma preocupação com o sucesso do empreendimento, que não passa apenas pela venda de uma mercadoria, mas também pela inovação, que para Sombart é a combinação do interesse na difusão; e a difusão da novidade. Neste contexto, a Sombart distinguiu entre a invenção como mera criação de uma nova ideia ou artefato e a aplicação da disseminação da inovação. Invenções não são puxadas pelo lado da demanda de consumidores, pois é o empresário quem decide qual invenção é a apropriada e lucrativa; realiza-se como uma inovação de acordo com as expectativas no mercado e no lucro. Assim, o empresário manipula o resultado comercial de certas invenções no mercado. Consequentemente, a persistência na melhoria tecnológica foi arma decisiva para eliminar os concorrentes oferecendo produtos superiores (FORNO, 2014, p. 54-55) a preços mais baixos.

“A rivalidade que a concorrência mantém entre os capitalistas os obriga a buscar incessantemente vantagens sobre seus concorrentes, por meio da inovação tecnológica, da busca de novos produtos ou serviços, da melhora dos já existentes e da modificação dos modos de organização do trabalho, de tal modo que encontramos aí uma das causas de mudança perpétua do capitalismo, segundo o processo de “destruição criativa”, descrito por Schumpeter (1963 apud Boltanski; Chiapello, 2009, p. 79).” (FORNO, 2014, p. 55-56)

A inovação diferencial serviu como fator dinâmico do desenvolvimento econômico capitalista. E, os motivos subjacentes aos empreendedores refletem impulsos como, desejos de aquisição e de poder; porém o empresário precisa concentrar-se na realização dos lucros, quaisquer que sejam os motivos subjacentes para realizá-lo. O princípio do lucro aquisitivo como uma manifestação objetiva do capitalismo, é a motivação subjetiva dos empreendedores. Aliás, a busca pelo lucro com princípios aquisitivos, fez com que Sombart nomeasse o capítulo V de *Lujo y Capitalismo* de “Luxo, elemento gerador do capitalismo” (SOMBART, 1958, p. 145), onde o Sombart explicita que a ampliação no consumo de bens supérfluos, motivou o crescimento do comércio. Consequentemente, chega-se numa fase onde no capitalismo, que a motivação empresarial se torna desprovida de motivos religiosos e obrigações costumeiras além da moral burguesa é secularizada da mesma forma que o espírito capitalista é secularizado. A empresa capitalista serve como o *locus da racionalidade econômica*, que se torna cada vez mais independente do proprietário ou do pessoal do estabelecimento.

5.3 SEMELHANÇAS COM O EMPRESÁRIO SCHUMPETERIANO

As semelhanças que o empresário sombartiano tem com o empresário schumpeteriano são muitas; primeiro que ambos têm uma visão heroica do empresário, pois ele é a força dinâmica do sistema capitalista, através de inovações, experiências e capacidade de relacionar com demais agentes da sociedade. E, ele age de maneira não rotineira, não ficando preso às burocracias.

“(...) o empresário sombartiano é um agente ativo, que decide e imprime rumos, e não um sujeito histórico passivo, que atua automaticamente, seguindo e sendo levado pelas forças de mercado. Seu ativismo é tão essencial que sem ele não faz sentido falar de mercado capitalista, dado que o mesmo tem papel na própria demanda (de bens de consumo e de

fatores de produção) e de maneira indireta na demanda dos consumidores. Por outro lado, é o empresário que cria a oferta de bens e serviços, com sua capacidade de inovação e sua compreensão das necessidades do mercado.” (BARBOSA, 2009, p. 9-10)

Sombart busca também segundo Paula; Cerqueira; Albuquerque (2004, p. 578) classificar em três diferentes fases o espírito empreendedor do empresário capitalista, que se pode identificar “*o técnico, hegemônico no início do capitalismo do século XV ao XVIII, o “capitão de indústria”; o comerciante, que surge na época de auge do capitalismo (1750-1914); e o financista, que é o tipo-ideal da época de auge do capitalismo*” (PAULA; CERQUEIRA; ALBUQUERQUE, 2004, p. 578).

Além da ideia de empreendedor, como semelhança entre Sombart e Schumpeter, o termo destruição criativa, que se tornou uma marca registrada schumpeteriana, não é original do Schumpeter, segundo Reinert, mas sim de Sombart, que usa o termo para descrever as inovações que surgiram para compensar a falta de madeira na Europa.

"Novamente, porém, da destruição surge um novo espírito de criação; A escassez de madeira e as necessidades da vida cotidiana... forçou a descoberta ou invenção de substitutos para a madeira, forçou o uso de carvão para o aquecimento, forçou a invenção do coque para a produção de ferro. Que estes acontecimentos, contudo, possibilitaram o enorme desenvolvimento do capitalismo no século XIX, é indubitável para qualquer pessoa bem informada. Assim, mesmo aqui, neste ponto decisivo, os fios invisíveis dos interesses comerciais e militares aparecem estreitamente interligados". (Sombart 1913, p. 207 apud REINERT, H. REINERT, E.)

Semelhanças também são possíveis entre Schumpeter e Weber, pois para ambos o existe um aspecto institucional importante, um exemplo segundo Martes (2010) são as instituições de crédito, pois oferecem apoio à ação empreendedora e ajudando a criar um novo ciclo de crescimento, “*pois a origem do capital empregado não advém da poupança, mas sim do crédito*” (MARTES, 2010). Contudo, é justamente o aspecto institucional que virá a barrar o caráter empreendedor através do processo burocrático. Além disso, ambos observam a economia na perspectiva do indivíduo, mas o colocando como um membro da sociedade e não o analisando de forma atomizada.

5.4 BUROCRATIZAÇÃO E O FUTURO DO CAPITALISMO

Para Weber (1991) a existência de um líder carismático é de caráter extracotidiano, baseado em qualidades pessoais. Esse líder carismático rapidamente se adapta a uma organização, tendo facilidade em observar objetivos. Já o líder hereditário (numa dominação tradicional), que vem com autoridade que foi investida em outro lugar, é adequado para uma organização cujas regras e precedentes estão bem estabelecidos. No terceiro estágio burocrático, tudo funciona com eficiência mecânica, e autoridade e controle é exercido com base no conhecimento. As forças armadas são um exemplo de uma organização nesta fase. Weber não tinha dúvidas de que o terceiro tipo de liderança era o mais eficiente. Contudo, advertiu contra os efeitos desumanizadores dessas burocracias. Ele chegou a acreditar que a única maneira de escapar da existência mecânica que eles impunham era que um líder carismático viesse e transformasse a organização através de uma espécie de renascimento, quebrando o ciclo rotineiro, o mesmo papel do empresário schumpeteriano, que é o agente que quebra as rotinas.

Para Max Weber e Werner Sombart, a questão do empreendedorismo foi pronunciada com um viés sociológica mais explícita, deslocando definitivamente a orientação entre motivação institucional e ação humana do indivíduo. Desde o início, a análise de Weber sobre o espírito do capitalismo influenciou a visão empreendedorismo. Na verdade, o empreendedor weberiano não é meramente um aventureiro ou explorador, mas a representação da atitude racional do moderno profissional que está enraizada nos valores protestantes do “*ascetismo intramundano*” (BARBOSA, 2009, p. 3). Rotinas de conduta empresarial; racionalização das operações de uma única empresa por indivíduos pioneiros; reestruturação industrial, alimentando o crescimento e o declínio de indivíduos e empresas. Neste caso, o empresário tem um caráter forte e faz parte de uma nova elite laboriosa; sendo atitude, bem como qualidades éticas que ajudariam a ganhar a confiança dos clientes e o respeito de funcionários, superando a resistência contra a inovação.

Weber finaliza a *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* introduzindo a noção de burocratização da vida, sustentando que a racionalização capitalista levaria ao estabelecimento de uma “*prisão de ferro*” (WEBER, 2002, p. 135), na qual os indivíduos eram reduzidos a meros objetos de administração. Essa racionalização levaria ao desencantamento do mundo. Uma visão que dá uma impressão um tanto pessimista do capitalismo e que lembra muito a ideia de um mundo tendendo a

obsolescência da função empresário, semelhante com a visão de Schumpeter em *Capitalismo, Socialismo e Democracia*, destacado no capítulo XII e XIII.

6 CONCLUSÃO

Em conclusão, os trabalhos de Werner Sombart e Max Weber foram enriquecedores para as ciências sociais, devido ao caráter pioneiro ao analisar as fases do capitalismo e associá-las a questões de ética religiosa. E, demonstrando como a ética religiosa pode ter um papel fundamental no surgimento de um *espírito* empreendedor. Essas concepções abordadas por Sombart e Weber são importantes para entender o surgimento de um pensamento econômico ligado ao empreendedorismo pré-schumpeteriano.

O legado de Sombart acabou sendo um tanto infeliz. Pois, mesmo tendo sido um dos pioneiros no estudo da ética religiosa e do empreendedorismo, enfrentou duras críticas e acabou caindo no esquecimento – talvez o fato de Sombart ter sido ligado ao Partido Nazista no final de sua vida, tenha manchado sua reputação acadêmica. E, embora o empresário sombartiano seja o mais próximo do conceito de empresário schumpeteriano, Schumpeter não morria de amores pelo trabalho de Sombart.

“O único dos seus trabalhos que precisamos mencionar aqui, *Modern Capitalism (Der Moderne Kapitalismus*, 1902, segunda edição bem ampliada em 1916-27) chocou os historiadores profissionais por seu brilho frequentemente sem conteúdo. Eles não puderam ver nada no livro que pudessem chamar de pesquisa.” (SCHUMPETER, P. 92, 1964)

Já Weber passou a ser um clássico da Sociologia, Economia, Administração, Direito e Ciências Políticas, com seus trabalhos amplamente reconhecidos. Mesmo tendo uma vida curta, conseguiu produzir inúmeros trabalhos. A visão weberiana de ética religiosa protestante como o propulsor do capitalismo é hoje a visão dominante. Pois, enquanto Weber trabalhou com o modelo ético do puritano e ampliou suas investigações sobre o capitalismo e o espírito capitalista e o processo de racionalização, Sombart começou com uma teoria mais geral do capitalismo e investigou aspectos específicos, incluindo sua versão de suas origens típicas ideais e a relação com judeus. Algumas dessas diferenças podem ser resumidas no quadro-síntese no anexo.

Ambos os autores merecem o devido crédito pelos seus trabalhos; de um lado Weber por relacionar tão bem a ética religiosa puritana como propulsor do capitalismo ao mesmo tempo em que identifica o *espírito do capitalismo* e de outro lado Sombart através da ideia de empresário empreendedor. E, também ambos

exemplificam a importância que a ética religiosa teve para modificar o centro dinâmico da economia, algo que para a época em que escreveram seus trabalhos era inédito e que se tornou duradouro no pensamento econômico.

REFERÊNCIAS

- BRUE, Stanley L. **História do pensamento econômico**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. 553 p.
- BARBOSA, Glaudionor Gomes. **Origem do Capitalismo: Uma comparação entre as abordagens de Max Weber e Werner Sombart**. Revista Sociais e Humanas. v. 22, n 1(2009).
- BÔAS. Glaucia Villas. **Ascese e prazer: Weber vs. Sombart**. Revista Lua Nova. n.52 São Paulo. 2001 Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010264452001000100008> . Acessado em 14 jul. 2016.
- COHN, Gabriel (Org.). **Weber**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- COSTA, Alessandra Mello da; BARROS, Denise Franca e CARVALHO, José Luis Felício. **A dimensão histórica dos discursos acerca do empreendedor e do empreendedorismo**. Rev. adm. contemp. [online]. 2011, vol.15, n.2, pp.179-197. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-6552011000200002>. Acessado em 06 dez 2016.
- FEIJÓ, Ricardo Luis Chaves. **História do pensamento econômico: de Lao tse a Robert Lucas**. São Paulo: Atlas, 2001. 478 p.
- FORNO, Lúcio Dall. **Um novo espírito, Sim! Uma revisão do debate sobre o “espírito do capitalismo”**. Revista Eletrônica de Pós graduandos em Sociologia Política da UFSC, 2014. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18065023.2014v11n1p45/28680>>. Acessado em 30 out 2016.
- FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 1975.
- MARTES, Ana Cristina Braga. **Weber e Schumpeter: a ação econômica do empreendedor**. Rev. Econ. Polit. vol.30 no.2 São Paulo Apr./June 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572010000200005>. Acessado em 06 dez 2016.
- NOGUEIRA, António de Vasconcelos. **Werner Sombart (1863-1941): apontamento biobibliográfico**. Análise Social, vol. XXXVIII (169), 2004, 1125-1151
- PASSOS, Daniela Oliveira Ramos do. **Max Weber e Karl Marx: Questão social, História e Marxismo**. Anais do 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história? Ouro Preto: Edufop, 2009. Disponível em <http://www.seminariodehistoria.ufop.br/t/daniela_oliveira_ramos_dos_passos.pdf>. Acessado em 30 nov 2016.

PAULA, João Antônio de; CERQUEIRA, Hugo E. A. da Gama; ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta e. **O Empresário na Teoria Econômica**. Revista de Economia Política, vol. 24, nº 4 (96), outubro-dezembro/2004. Disponível em: <<http://www.rep.org.br/pdf/96-7.pdf>>. Acessado em 02 dez 2016.

REINERT, Hugo; REINERT, Erick S. **Creative Destruction in Economics: Nietzsche, Sombart, Schumpeter**. In Friedrich Nietzsche. Economy and Society. Heidelberg, 2006

SCHEFOLD, Bertrand. **Marx, Sombart, Weber and the debate about the genesis of modern capitalism**. Disponível em <http://hjournal.ru/files/JIS_6_2/JIS_6_2-2.pdf>. Acessado em 14 jul. 2016.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **História da análise econômica**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

———. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

SOMBART, Werner. **Os judeus e a vida econômica**. São Paulo: Editora Unesp, 2014. 516 p. Traduzido por: Nélío Schneider.

———. **Lujo y capitalismo**. Buenos Aires: G. Davalos, 1958. 222p.

———. **Le Bourgeois: Contribution à l'histoire morale et intellectuelle de l'homme économique moderne**. Chicoutimi, Québec: Cégep de Chicoutimi. 2002. 169 p.

SWEEZY et al. **A transição do feudalismo para o capitalismo: um debate**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

THE ECONOMIST. **Max Weber**. Guru. The Economist Newspaper Limited. 9 jan 2009. Disponível em <<http://www.economist.com/node/12762398>>. Acessado em 30 out. 2016.

Univesp TV. **Clássicos da Sociologia: Max Weber**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ea-sXQ5rwZ4>>. Acesso em: 15 jul. 2016. Publicado em 31 jul. 2012.

VILA NOVA, Sebastião. **Introdução à sociologia**. 6. ed., rev e aum. São Paulo: Atlas, 2004. 231 p.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo: texto integral**. São Paulo: Martin Claret, 2003. 230p.

———. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília, DF: UnB, 1991. Volume 1.

———. **História Geral da Economia**. São Paulo: Centauro, 2006. 336 p. Traduzido por: Klaus Von Puschen - Tradução da obra Wietschaftsgeschichte - 3. ed. alemã.

APÊNDICE I – QUADRO SÍNTESE

| Tópicos \ Autores | Max Weber | Werner Sombart |
|---|--|--|
| Processo de criação das obras | Publicação de inúmeros ensaios de caráter acadêmico que juntamente com manuscritos de aula foram adaptados em formato de livros | Principais obras publicadas em formato de livro, não sendo exclusivas para público especializado |
| Condições para o surgimento do capitalismo | Propriedade privada; liberdade mercantil; técnica racional; direito racional; trabalho assalariado; comercialização e separação entre empresa e grupo familiar | Empresa racional; empreendedorismo comercial; concorrência; capitalistas <i>versus</i> trabalhadores; planejamento econômico; calculabilidade. |
| O espírito do capitalismo | Racionalização da vida e acúmulo de capital | Empreendedorismo hedonista e inovação |
| Ética religiosa e capitalismo | Protestantismo ascético, voltado para o trabalho e glorificação a Deus no mundo através do sucesso profissional e acúmulo de riquezas | Hedonismo, comércio como meio de sobrevivência, busca incessante pelo lucro |
| O caráter empreendedor | Trabalho como vocação. O indivíduo deve buscar a sua vocação profissional. | Busca por novos mercados, criatividade e visão para as oportunidades de fazer negócios |
| Semelhanças com Schumpeter | Semelhanças institucionais, como as condições para o crédito | Destruição criativa. Empresário como principal transformador do centro dinâmico da economia, através de invenções e sua capacidade de disseminá-las. |
| O futuro do capitalismo | Burocratização da vida. Capitalismo tendendo a "prisão de ferro" | Sistema mais sensível às demandas sociais, porém menos dinâmico |